

A ponte semiótica da crônica política

Mestrando. Rodrigo Silva. VIANA¹ (Unesp, FCLAR)

RESUMO: *a crônica literária, tradicionalmente expressa num suporte material - historicamente publicada em jornais e depois coletaneadas em livro - ganhou espaço em outros suportes audiovisuais, como a televisão e a internet. Assim, o jornalismo aproxima-se da literatura num espaço midiático mais democrático, de maior alcance que o livro. As crônicas políticas, por trabalharem com a 'coisa' pública, evidenciam mais o literário no texto.*

Palavras-chave: crônica, literatura, política, televisão.

Introdução

O texto da crônica possibilita a construção de um sentido literário no jornalismo televisivo. A idéia construída no imaginário popular, de que a televisão, em geral, só trata dos assuntos com um **olhar** superficial, é desmanchada ao observamos a utilização deste gênero literário, que com apenas um século e meio de existência, se aclimatou tão bem no Brasil e conseguiu relativizar a questão da televisão como meio **superficial** para o público assistente, ou, nos dizeres dos teóricos da informação, para os receptores.

Observamos que quando falamos em **crônica**, estamos distinguindo as duas formas de escrevê-las: aquelas construídas no campo “ficcional” e aquelas construídas no campo jornalístico. Nossa comunicação refere-se àquelas construídas no campo ficcional por entendermos que lá, as relações com a literatura, nosso foco, se fazem mais evidentes.

Se até a metade do século XX, as crônicas eram expressas apenas em seu suporte tradicional - os jornais - para depois serem coletaneadas em livros, hoje a encontramos em outros suportes audiovisuais, como televisão e a internet. Nossa comunicação pretende analisar o espaço da crônica na televisão. Mais especificamente vamos comparar o processo de construção de uma crônica televisiva política e seus efeitos no leitor e em outras instâncias. Daí a ponte entre a literatura e o jornalismo, entre o leitor e a obra.

1 Breve histórico da crônica

A palavra crônica tem sua origem etimológica no verbete grego *chronikós*, remetendo, por isso, à questão do tempo. No início da era cristã a crônica nasceu sendo uma narração de fatos históricos, segundo uma ordem cronológica. Foi com este viés histórico que ela perpassou vários países como França, Portugal e Espanha.

Para efeito de ilustração, vamos observar como foi o percurso da crônica, vista desta maneira histórica, em Portugal. Os cronistas portugueses como Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Ruy de Pina, exerciam o trabalho de compilação de temas e de fatos históricos relacionados ao rei e ao tema da expansão ultramarina do país. Os fatos recolhidos geralmente enalteciam as histórias dos reis portugueses, com uma finalidade pedagógica: transmitir as virtudes e os grandes feitos para os mais jovens. Apesar deste conteúdo essencialmente histórico, foi somente a partir do Renascimento, no século XVI, que o termo “crônica” começou a ser substituído por “história”.

Mas a significação moderna da crônica, isto é, vista enquanto gênero literário, nasceu apenas no século XIX. Assim entendida, a crônica teria sido inaugurada na França, pelo jornalista Jean Louis Geoffroy, em 1800 no *Journal des Débats* (MOISÉS, 1999, p.132).

Nesta época ela era estampada como “feuilletons”. Era um espaço livre no rodapé do jornal, com as funções de passar em revista os fatos da semana, além de entreter o leitor e conceder-lhe

uma pausa para o descanso. No Brasil, começava-se já a imitar os franceses com o nome de *folhetim*. Isto por breve tempo, porque no final do século XIX, fixou-se o nome “crônica” para perdurar até hoje.

A crônica moderna é, via de regra, publicada em jornais e revistas e, muitas vezes, reunida em livros. Concentra-se num acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor. Ela pode assumir a forma de alegoria, entrevista, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em termos reais ou imaginários. No geral é composta, então, para o lirismo ou o conto, que traduzem ou a elevada subjetividade na transposição do acontecimento, ou a sua dramatização, que confere ao cronista o papel de espectador. Há que se perceber, então, o poder de recriação sobre o de mera transcrição.

[...] a crônica constitui o lugar geográfico entre a poesia (lírica) e o conto: implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele seus dotes de contador de histórias. (MOISÉS, 1999, p.133).

2 A crônica política de Arnaldo Jabor e a origem americana da televisão

Há que se perguntar o porquê do surgimento das crônicas no jornalismo de televisão. Antes disso, vale dizer que nossa televisão, particularmente os telejornais, herdaram e reconstruíram todo o conteúdo imagético e discursivo dos telejornais americanos. O “*American way of live*”, vivido intensamente na sociedade brasileira a partir dos anos 50 se reproduziu e teve sua similaridade com o nascimento da televisão no Brasil, logo após a **década dourada** do surgimento do rádio no país (1940).

Corroborando com isso, o método utilizado para o enquadramento de imagem no Brasil: a emissora líder de audiência do país (Rede Globo de Televisão) e, declaradamente, todas as emissoras de tv aberta de alcance nacional, replicam o padrão do **Plano Americano de Televisão**. Neste plano os apresentadores são “enquadrados” da cintura para cima e “informam” os telespectadores que pactuam com a tv um sentido de credibilidade e, portanto, de verdade. Os efeitos sonoros (vinhetas), visuais (vestimentas de terno e gravata) e discursivos (a informação sem opinião) ajudam o telejornal a costurar esse sentido de veredicto ao texto. Entendemos aqui “texto” como a semiótica de origem francesa o entende, isto é, qualquer manifestação cultural, no caso em questão um programa de televisão.

Essa **nascente** americana tem sua origem no campo financeiro. À época da inauguração da Rede Globo de Televisão (1965), sabidamente o grupo americano **Time Life** foi o grande injetor de recursos para que esta Rede de Televisão se constituísse e se mantivesse como líder absoluta na audiência.

Com este histórico sociológico, a função do gênero literário “crônica” nos telejornais ganha então, um espaço de transcendência e porque não dizer, de resistência. Como questionamos no início, há que se perguntar então o porquê do surgimento das crônicas no jornalismo de televisão. Entendemos que são espaços estruturais surgidos para resgatar a questão da oralidade. Assim, velocidade e progressão da fala adaptam-se melhor a um suporte que, similarmente, atinge uma população letrada e não letrada.

Diferentemente da sociedade americana, o **leitor** de televisão brasileira ganha um outro **olhar** para este meio. Com a intenção de informalizar a linguagem, de romper barreiras tradicionais e criar vida própria, a mídia brasileira de **televisão** vai buscar na literatura os elementos universais.

A crônica só é gênero menor em termos de literatura. Admite-se como inabalável a certeza de que a literatura tende a ser perene, intemporal. Não faltam teóricos para garantir que a arte, nela incluindo a arte literária, existe

para superar a morte. E, se a literatura busca a infinitude, a crônica é crônica mesmo, expressão de finitude. É temporal, fatiada da realidade e desvinculada do tempo maior que é o da literatura como arte. Mas daí não se deve concluir que ela seja uma defunta. (CONY, Carlos Heitor, Revista PONTO DE VISTA. In: <http://www.saa.com.br/quadro/ponto/cronica.htm>).

Tomemos, então, como exemplo, algumas colunas eletrônicas do cineasta Arnaldo Jabor, na tv Globo (<http://www.youtube.com/watch?v=IyhEa3HGjpk>).

Jabor, notadamente um homem advindo do cinema, **monta** o texto televisivo de forma literária. Dessa forma, ele provoca no telespectador - ou leitor - o efeito de sentido de indignação política, já que a maior parte de suas crônicas eletrônicas referem-se ao cenário político brasileiro, situado na capital federal, Brasília.

Sobre o fato de Jabor ter a formação de cineasta, há que se acrescentar que assim como o rádio foi a mola que propulsou a televisão no Brasil, o cinema americano foi o **pai** da televisão americana. Os conceitos de roteiro, montagem e direção de que a televisão faz uso hoje, nasceram com o cinema americano.

1.1 O efeito de veridicção do texto na tv

A credibilidade do cineasta, advinda justamente de sua origem - o cinema - que no imaginário popular ocupa um lugar canônico, e a constância do colunista na televisão – desde 1995 nessa função na emissora de maior audiência no país - proporcionam ao autor, a condição de falar a público o que vai ser entendido como **verdade**.

Para isso, Jabor utiliza recursos que dão contorno ao texto com efeitos de sentido menos impressionistas. A semiótica greimasiana, de origem francesa denomina esses efeitos como veridictórios, ou como o jogo semiótico da veridicção, uma vez que eles pretendem pactar com o leitor aspectualidades de **verdade**.

1.2 O efeito rebote político

Sem adentrar na discussão política, mister que se prestaria mais a um trabalho de sociologia, anotamos ainda em nossa comunicação o efeito que uma forma literária como a crônica, pode trazer ao leitor ou ainda ao imaginário de todo um país.

Recentemente, Arnaldo Jabor, que também expõe suas colunas na rádio CBN, foi, por ordem judicial impetrada pelo Palácio do Planalto, proibido de exercer esta função na rádio. Sobre isso, a conceituada jornalista de O Estado de S.Paulo, Dora Krammer, no domingo, dia 24 de junho, em sua coluna, citou: *"A decisão do TSE que determinou a retirada do comentário de Arnaldo Jabor do site da CBN, a pedido do presidente 'Lula' até pode ter amparo na legislação eleitoral, mas fere o preceito constitucional da liberdade de imprensa e de expressão, configurando-se, portanto, um ato de censura. Jabor faz parte de uma lista de profissionais tidos pelo Presidente Lula como desafeto e, por isso, passíveis de retaliação à medida que se apresentem as oportunidades!"*

Voltamos, então, ao início de nosso questionamento, onde refletimos sobre o porquê do surgimento desses espaços estruturais na televisão brasileira para a crônica.

1.3 Um gênero tipicamente brasileiro

Todas essas nuances apontadas acima se deram, como já frisamos, por a crônica ter se “abrasileirado” de forma tal que muitos críticos a confundem com o início da literatura brasileira.

Outros críticos a consideram mesmo como um gênero tipicamente brasileiro. Autores precursores de nossa literatura, das mais diversas formas narrativas, como Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Humberto de Campos, Raquel de Queiroz, Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade e outros, escreveram crônicas.

Para Antonio Candido (1992, p.15): “[...] se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu.”

Conclusão

Nos casos analisados, o texto parte de um acontecimento presente no tempo e, portanto, crônico. A partir desse **fato**, o texto vai tratar do mais sensível, do imaginário, que é, afinal, o que trata toda a literatura. Dentro do universo político, a crônica funciona como a materialização do real/acontecido/imaginado. Ela tem o papel de fazer o recorte da realidade. Mas não o da realidade objetiva. E sim, um recorte de arte, pois que usa os elementos da literatura que descrevemos. Tem ainda uma função humanizadora, uma vez que leva o leitor/telespectador/enunciatário a um espaço/tempo recriado a partir das instâncias de enunciação do autor.

Com isso concluímos e concordamos com a proposta do simpósio de que, embora se deva preservar o livro como suporte canônico e ideal para a literatura, deve-se também aproveitar os demais suportes humanistas aqui evidenciados para suprimos as demandas de conhecimento desse importante produto simbólico – a política - daqueles brasileiros analfabetos, semi-analfabetos ou não afeitos à leitura. Nosso argumento se reforça com a importância da preservação da nossa rica cultura e da nossa tradição como herança a ser legada aos nossos descendentes.

Parafraseando ainda o cronista Cony (2003):

[...] antes de ser um leitor, o consumidor de jornal é um ser humano tornado carente pela solidão, pelo egoísmo (próprio e alheio), pelo nenhum sentido da sociedade como um todo. Quando um cara tem coragem de gritar que está sofrendo, fatalmente encontra alguém que o compreende e, algumas vezes, o ame. Isso não dá apenas samba. Dá crônica também.

Nossa propositura foi a de pensar as possibilidades que têm alguns elementos da linguagem literária de produzir um discurso não-manipulativo, ou menos-manipulativo, mais subjetivante, que permita efeitos de sentido mais humanizadores. Isto porque, por definição, o enunciador, ao se transformar em outro – sai do espaço da enunciação (eu/aqui/agora) e se transporta para o espaço do enunciado (ele/lá/então) – criando as condições de “humanidade”.

É ainda missão desta comunicação mostrar como pode este gênero literário provocar não apenas o efeito de sentido humanista, mas também o efeito político e anti-democrático em cascata. A crônica “desentranha” a sucessão de acontecimentos diários; assim, acaba por desautomatizar um processo monótono e repetitivo de dia-a-dia estampado nas manchetes de jornais e televisão.

Por fim, queremos registrar que não analisamos as narrativas literárias na internet, por entender que este é um trabalho mais extenso e que deva ser feito no momento histórico em que a convergência digital estiver mais sedimentada e, portanto, mais democrática.

Referências Bibliográficas

[1] BARROS, D.L.P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1999.

- [2] CANDIDO, Antonio. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP. Editora da unicamp; rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa. 1992.
- [3] LOPES, Ivan Carlos. HERNANDES, Nilton. *Semiótica: Objetos e práticas* (orgs.).- São Paulo: Contexto, 2005.
- [4] RABAÇA. Carlos Alberto. BARBOSA. Gustavo Guimarães. *Dicionário da Comunicação*. 2ª ed. São Paulo. Ática, 1995.
- [5] CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: SETOR DE FILOLOGIA DA FCRB. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- [6] MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 14. ed. São Paulo . Cultrix, 1999.
- [7] JABOR, A. Disponível em : < <http://www.youtube.com/watch?v=IyhEa3HGjpk>> Acesso em 13 abr.2007.
- [8] CONY, C. H. *A crônica como gênero e como antijornalismo*. 04 fev. 2003. Disponível em: < <http://www.saa.com.br/quadro/ponto/cronica.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2003.

¹ **Rodrigo, VIANA**

Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Literatura
E-mail: rvianamarketing@yahoo.com.br